

Entre corpos e memórias: a intergeracionalidade mediada pelo design sensorial

Between bodies and memories: intergenerationality mediated by sensory design

Rafaela dos Santos Borges

Julia Duarte Silveira Amaral

Luiza Novaes

Vera Maria Marsicano Damazio

Resumo: Este artigo explora o design sensorial como abordagem teórico-prática e método qualitativo, a partir de uma oficina universitária centrada na percepção corporal e nas metáforas sensoriais (Ludden *et al.*, 2012). Construído em diálogo entre a mediadora e uma participante, o texto acompanha como a experiência influenciou uma pesquisa sobre envelhecimento feminino e intergeracionalidade. O design sensorial se apresenta como dispositivo de mediação entre repertórios perceptivos diversos, fortalecendo a coautoria e o deslocamento de olhares. Inspirado por Larrosa (2002), Beauvoir (1990) e pela exposição Envelhe(ser) (Amaral; Damazio, 2023), o artigo demonstra como o estranhamento sensorial pode gerar reconhecimento, ampliando os modos de escuta e conexão entre gerações. Ao evocar os sentidos e transformá-los em linguagem compartilhável, o design se afirma como campo sensível de encontro entre corpos, tempos e memórias.

Palavras-chaves: design sensorial; experiência; subjetividade; intergeracionalidade; envelhecimento feminino.

Abstract: This article explores sensory design as both a theoretical-practical approach and a qualitative method, based on a university workshop focused on bodily perception and sensory metaphors (Ludden *et al.*, 2012). Built through a dialogue between the facilitator and one of the participants, the text traces the influence of this experience on a research project about women's aging and intergenerationality. Sensory design emerges as a mediating device between diverse perceptual repertoires, strengthening co-authorship and fostering perceptual shifts. Inspired by Larrosa (2002), Beauvoir (1990), and the exhibition Envelhe(ser) (Amaral; Damazio, 2023), the article demonstrates how sensory estrangement can lead to recognition, expanding modes of listening and enabling meaningful connections across generations. By evoking the senses and translating them into shared language, design is affirmed as a sensitive and symbolic field of encounter between bodies, times, and memories.

Keywords: sensory design; experience; subjectivity; intergenerationality; female aging.

Introdução

Durante o século XX, consolidou-se no campo do design uma clara predominância da visão como o principal canal de interação com os artefatos. Esse olhar centralizado, enraizado na tradição modernista e amplificado pela lógica da comunicação visual, gerou uma cultura de projeto que, com frequência, relegou ao plano secundário outras esferas da experiência sensorial (Lupton, 2018).

Em resposta a essa limitação e diante das críticas à racionalidade técnica, somadas à crescente valorização da experiência do usuário, o campo do design tem testemunhado uma virada sensorial, que passa a reconhecer os sentidos como agentes cognitivos e afetivos fundamentais na construção de significado (Gibson, 1966). Em consonância com esse movimento, a teoria da cognição incorporada postula que o conhecimento e o pensamento não são processos puramente abstratos, mas estão intrinsecamente ancorados nas interações sensório-motoras do corpo com o ambiente (Varela; Thompson; Rosch, 1991; Wilson, 2002).

No campo do design, Van Rompay e Ludden (2015) destacam como as experiências corporais cotidianas influenciam diretamente a avaliação de produtos, a atribuição de significado e a evocação de afeto, sublinhando que a compreensão da experiência com um artefato é inseparável de sua interação com o corpo. O design sensorial, nesse cenário, propõe reequilibrar o protagonismo da visão ao integrar os diversos canais sensoriais (tato, olfato, paladar, audição e propriocepção/equilíbrio) nos processos de projeto, favorecendo abordagens multissensoriais e sinestésicas que buscam uma estética sensorial integrada.

Nesse sentido, a perspectiva de Larrosa (2002) propõe um redesenho para uma pedagogia que se afasta do controle e da previsibilidade, abraçando o caráter imprevisível da experiência. Esse viés é fundamental para o campo do design sensorial, que lida com a subjetividade da percepção. Larrosa argumenta que a experiência é aquilo que “nos forma e nos transforma”, em contraste com o conhecimento que “não nos modifica”. Para o design, isso implica em metodologias que criem condições para que os designers vivenciem as qualidades sensoriais de materiais, ambientes e interações de forma profunda e pessoal, indo além da aquisição de conhecimentos técnicos sobre os sentidos. A leitura dessas qualidades não deve ser apenas uma compreensão racional, mas uma “[...] experiência de linguagem, de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional” (Larrosa, 2002, p. 7). Para que essa afetação se manifeste, deve haver um estranhamento inicial que atraia a atenção para o que está acontecendo. Esse estranhamento, proposto por Larrosa (2002), é corroborado por Watson (2013, *apud* Beltrão, 2021), que destaca a importância de adotar um olhar distanciado sobre aquilo que estamos produzindo. Tal exercício permite enxergar o que todos veem, mas de forma singular, um movimento essencial para a inovação.

A partir desse panorama, o designer torna-se um maestro de estímulos sensoriais, responsável por orquestrar, desde o início do projeto, uma composição harmônica entre sentidos (Riccò; Belluscio; Guerini, 2003). Mais do que manipular matéria e forma, ele assume o papel de tradutor de experiências, capaz de transformar sensações e memórias subjetivas em uma linguagem projetual comunicável. Essa função exige domínio técnico, escuta sensível e atenção à diversidade perceptiva dos usuários, incluindo pessoas com deficiências sensoriais, cuja experiência pode depender de redundâncias perceptivas ou alternativas de personalização (Haverkamp, 2013).

Com base nessas premissas, foi realizada uma oficina experimental em ambiente universitário concebida como uma estratégia metodológica para explorar essas dimensões de forma prática. Ao envolver os participantes em dinâmicas de exploração sensorial com objetos visualmente ocultos, a atividade instigou a elaboração de metáforas sensoriais baseadas em experiências táteis, olfativas, gustativas e sonoras. Para Ludden *et al.* (2012), essas metáforas criam conexões entre palavras e experiências sensoriais de diferentes domínios, integrando sistemas perceptivos à linguagem. Dessa forma, elas permitem associar atributos perceptivos, possibilitando que sensações subjetivas sejam traduzidas em formas comunicáveis e compartilháveis no processo de design.

Entre os participantes, uma pesquisadora em formação conectou essas vivências à sua investigação sobre envelhecimento feminino e intergeracionalidade. A partir da experiência sensorial coletiva, ela passou a repensar sua proposta de projeto à luz dos afetos mobilizados, das tensões compartilhadas e das imagens simbólicas que se manifestaram nas trocas. Sua pesquisa discute como o aumento da longevidade tem produzido a convivência de múltiplas idades num mesmo tempo histórico, sem que isso se reflita em espaços de encontro e troca entre gerações. Ao deslocar o foco do envelhecimento de uma lógica biológica para uma compreensão sensível e situada, a pesquisadora reivindica o corpo e os afetos como centrais na construção de narrativas mais inclusivas sobre o tempo e as mulheres.

Assim, percebe-se que a valorização da experiência e dos sentidos se configura como um caminho promissor para o desenvolvimento do design relacional, especialmente em contextos que buscam fomentar o diálogo e a conexão entre diferentes gerações. Conforme Neves e Damazio (2024), o design contemporâneo tem se deslocado de uma abordagem centrada na estética e funcionalidade para outra que prioriza relações humanas e impacto emocional. Nesse cenário, o design sensorial oferece ferramentas potentes para a construção de pontes afetivas e de compreensão mútua, essenciais para fortalecer as relações intergeracionais.

É nesse contexto que este estudo se insere, buscando compreender como o design pode mediar encontros entre diferentes gerações e propor soluções mais empáticas e acessíveis, considerando o design relacional como campo e o design sensorial como método. Considerando o envelhecimento como uma experiência dialógica, propõe-se um redesenho das práticas projetuais, focado na atenção e na ativação dos sentidos como linguagem simbólica. Essa abordagem tem potencial para impactar diversas dimensões da vida cotidiana de mulheres idosas, dos vínculos familiares à forma como são percebidas socialmente.

Este artigo nasce do diálogo entre a facilitadora da oficina e uma participante, articulando fundamentos teóricos do design sensorial com as falas, metáforas e reflexões produzidas durante e após a atividade. Com essa troca, busca-se evidenciar como o design sensorial pode atuar como método de pesquisa e projeto, fortalecendo o encontro entre gerações e valorizando repertórios sensoriais diversos. A escuta, o corpo e o afeto aparecem aqui como caminhos para ressignificar o envelhecimento e construir um design mais alinhado às experiências vividas pelas mulheres.

Design sensorial: a dimensão emocional e o saber de experiência

Segundo Schifferstein e Desmet (2008), o design multissensorial busca envolver todos os sentidos no processo projetual, intensificando a comunicação de conceitos e emoções por meio dos produtos. Haverkamp (2013, 2019), por sua vez, alerta que a mera presença de múltiplos estímulos não garante a qualidade da experiência, sendo necessário coordenar suas interações de modo sistemático para formar uma estética sensorial integrada. Esta visão mais aprofundada nos conduz ao conceito de design sinestésico (Riccò, 1999) em que correspondências sensoriais são criadas para que um produto transmita, de forma coesa, uma intenção perceptiva e funcional específica. Um objeto pensado para transmitir relaxamento, por exemplo, deve fazê-lo por meio de formas suaves, sons abafados, texturas aveludadas e aromas delicados, ou seja, deve expressar a mesma mensagem por todos os canais sensoriais.

A experiência sensorial no design envolve uma complexa rede de percepções e afetos. A abordagem emocional sugere que os produtos são projetados tanto para resolver necessidades práticas quanto para despertar sentimentos, como apontam Schifferstein e Desmet (2008) e Norman (2007). Para o neurocientista António Damásio (1996), essa dimensão afetiva pode anteceder a racionalidade em muitos processos de decisão, operando em níveis inconscientes por meio da memória sensorial. O cheiro de um perfume, o som de uma embalagem ou a textura de um material podem ativar lembranças, gerar prazer ou desconforto e estabelecer vínculos profundos entre pessoas e objetos. Assim, o design sensorial pode potencializar conexões subjetivas e simbólicas que ultrapassam a função, alcançando o campo da experiência vivida.

Para aprofundar essa dimensão, torna-se fundamental a perspectiva de Larrosa (2002). Para o pesquisador, a experiência não se limita ao que nos acontece, à mera ocorrência ou informação, mas sim ao que nos passa, nos afeta e nos transforma em nosso modo de ser e perceber. O “saber de experiência”, nesse sentido, ocorre quando o sujeito se torna permeável ao acontecimento e se permite ser envolvido por ele, gerando um conhecimento singular e intrinsecamente significativo. Nesse sentido, o design sensorial revela-se como um método promissor para o design relacional, especialmente no fomento do diálogo, ao criar pontes afetivas e de compreensão mútua. Ele não se limita a “despertar os sentidos”, mas a construir interfaces simbólicas e afetivas entre indivíduos, em que a memória sensorial e o saber de experiência desempenham um papel central na troca entre diferentes repertórios.

Aplicar o design sensorial como método requer estratégias que articulem os sentidos de forma integrada, com o objetivo de provocar sensações e construir pontes entre pessoas, memórias e significados. Segundo Ludden *et al.* (2012), uma das estratégias mais eficazes para conectar domínios sensoriais distintos é a metáfora sensorial. Esse tipo de metáfora cria pontes entre palavras e experiências sensíveis, integrando linguagem e percepção. Por exemplo, dizer que uma voz é “aveludada” transfere propriedades táteis de um tecido para uma qualidade auditiva, facilitando a comunicação e evocando a sensação.

No design, as metáforas sensoriais são especialmente úteis na fase de ideação, pois ajudam a traduzir sensações subjetivas em diretrizes projetuais compreensíveis e compartilháveis. Além disso, facilitam a troca de referências entre usuários e designers, aproximando os repertórios afetivos das intenções de projeto. Ao converter essas experiências afetivas e seu saber inerente

em uma linguagem comunicável, as metáforas facilitam a criação de um terreno comum para o diálogo e a cocriação no processo de design.

Metodologia: da oficina ao artigo

A presente pesquisa possui caráter exploratório e qualitativo, fundamentada em um experimento prático conduzido em contexto universitário. A proposta partiu da hipótese de que a exploração sensorial, quando mediada por metodologias participativas, pode revelar repertórios afetivos e perceptivos que ampliam as possibilidades de representação no design. O objetivo principal foi investigar como estímulos sensoriais podem ser associados a significados simbólicos por meio da criação de metáforas.

Para apoiar a criação de metáforas sensoriais na oficina, foi utilizado como exemplo o mapa associativo desenvolvido por Ludden *et al.* (2012) (Figura 1). Os autores enfatizam que, na elaboração de metáforas sensoriais, é essencial considerar atributos como textura, cheiro, som, forma, materiais e movimentos de uso. Além dessas qualidades sensoriais fundamentais, o mapa contempla efeitos percebidos, o nome do produto, sua natureza e as relações contextuais com outros objetos.

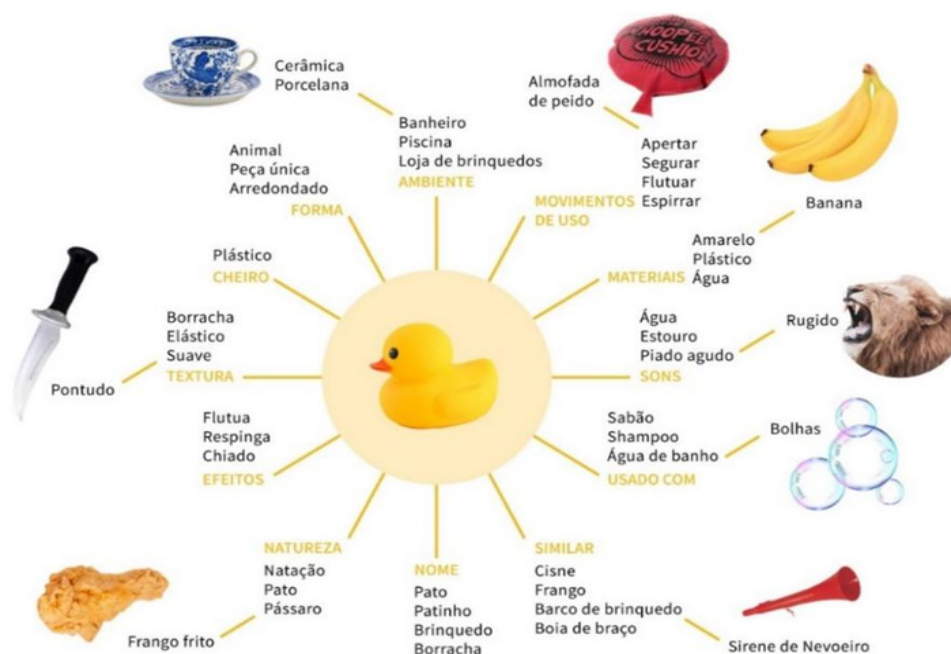


Figura 1: Mapa associativo para criar metáforas sensoriais.
Fonte: Traduzido de Ludden *et al.* (2012).

Segundo os autores, a metáfora sensorial só se realiza plenamente quando estabelece um elo com experiências prévias reconhecíveis, ativando a memória afetiva e ampliando o vocabulário sensorial no design. Essa estrutura permite conectar estímulos sensoriais a elementos do repertório dos participantes da oficina, favorecendo a criação de analogias significativas e compartilháveis.

Com base nesse referencial, a proposta da oficina não se limitou a estimular os sentidos, mas buscou criar um espaço seguro e provocador, no qual os participantes pudessem explorar subjetivamente seus repertórios e compartilhar interpretações intersubjetivas. A atividade foi dividida em duas dinâmicas complementares, orientadas por um roteiro de investigação, apresentadas a seguir.

Dinâmica 1: Metáforas do sentir

Nesta etapa, os participantes tiveram os olhos vendados com uma faixa de TNT preto para intensificar a percepção pelos demais sentidos. Em seguida, eles exploraram cinco caixas sensoriais, cada uma contendo objetos que estimulavam diferentes sensações, como texturas, aromas, sabores e sons (Figura 2).



*Figura 2: Dinâmica 1 - Metáforas do Sentir.
Fonte: Autoria própria.*

Após essa exploração, cada participante escolheu dois objetos de sua preferência. Com a venda retirada, foram convidados a refletir e responder às seguintes perguntas sobre os objetos selecionados:

- Que sensações esses objetos despertaram em você?
- Se essas sensações fossem uma palavra, quais seriam?
- Se fossem transformadas em outro sentido, que estímulos seriam?

Dinâmica 2: Objeto em outro corpo

Na segunda dinâmica, propôs-se um exercício coletivo de transposição sensorial. Os grupos receberam objetos cotidianos (leque, lanterna ou bala de goma) e foram desafiados a reinterpretá-los a partir de um sentido não dominante, com base nas metáforas geradas. Essa dinâmica visava instigar o deslocamento do principal estímulo percebido no objeto: como seria esse artefato se ele fosse percebido primordialmente pelo cheiro? Ou pelo som? Ou pelo toque?

A escolha da experimentação sensorial como método justifica-se por sua potência em colocar os participantes em troca direta, favorecendo o acesso a dados subjetivos frequentemente invisibilizados por abordagens tradicionais. A roda de conversa foi registrada em vídeo, e a mediadora realizou anotações em diário de campo para complementar a coleta de dados.

A oficina contou com seis participantes e teve duração aproximada de quatro horas, sendo realizada no contexto de um evento universitário. Os participantes foram selecionados por meio da técnica de amostragem em bola de neve, uma vez que o interesse surgiu espontaneamente a partir da divulgação interna do evento. A análise dos dados coletados (falas, metáforas e observações em diário de campo) foi conduzida a partir de uma abordagem temática e semiótica, buscando identificar padrões sensíveis, deslocamentos perceptivos e construções simbólicas emergentes da experiência.

Além disso, a metodologia deste artigo apoia-se em uma abordagem qualitativa dialógica, explorando a interseção entre a experiência da oficina e o projeto de pesquisa de uma das participantes. Por meio do diálogo entre facilitador e participante, o estudo analisa os dados produzidos, articulando-os ao referencial teórico do design sensorial e às reflexões sobre envelhecimento e intergeracionalidade. Essa perspectiva permite uma análise aprofundada de como vivências sensoriais subjetivas podem informar e transformar o processo de pesquisa em design, revelando potenciais para a criação de soluções empáticas e inclusivas, capazes de combater estereótipos e promover o diálogo entre gerações.

A oficina como catalisador para pesquisa em design

A experiência na oficina, especialmente suas dinâmicas de exploração sensorial e a criação de metáforas, atuou como um catalisador para o projeto de pesquisa da participante. Suas falas ao longo das atividades revelaram uma conexão profunda com a proposta, evidenciando como a reflexão sobre o sentir e a subjetividade pode contribuir para a sua área de investigação.

Durante uma das dinâmicas, ao manusear uma caixa de som (Figura 3), a participante a associou imediatamente a “um sabonete da Granado”, detalhando que “o formato com certeza arredondado” e a “textura da caixa de som parece veludo”, imaginando ainda uma embalagem “embrulhada com papel” e destacando a semelhança do botão com “o baixo relevo que o sabonete tem”. A associação entre objeto, materialidade e contexto (tratando-se de uma caixa de som para banho) ilustra a fluidez entre sentidos, memória e funcionalidade, percorrendo elementos como textura, forma e relações contextuais previstas no mapa associativo (Figura 3).



*Figura 3: Caixa de som citada pela participante.
Fonte: Autoria própria.*

Outro momento marcante foi a interação com um frasco de perfume. Ao perceber seu aroma residual, a participante compartilhou uma memória afetiva: “Esse cheiro me lembra quando você é uma criança, não sei, você é baixinha, quando você abraça sua avó e coloca a sua cara na barriga dela, tem esse cheiro.” A fala evidencia o potencial do estímulo olfativo como disparador de lembranças e afetos intergeracionais, reforçando a potência do sensorial como método de acesso ao simbólico e ao subjetivo.

A discussão entre os participantes, marcada pela diversidade de interpretações, também foi reveladora. Enquanto outro participante descreveu o perfume com intensidade, a participante comentou: “não é um cheiro que se destaca assim, [...] é lugar menor, sabe?”. O contraste entre as percepções criou um espaço de reconhecimento da pluralidade sensorial, revelando que compreender o outro exige, antes, reconhecer o próprio repertório. Essa troca foi essencial para que a participante visualizasse como a metodologia poderia ser aplicada em sua pesquisa, que investiga o diálogo entre mulheres de diferentes idades no envelhecer. Ao final da oficina, a participante destacou o impacto da experiência sobre sua prática projetual:

Eu acho que faz a gente ter um pouco mais de cuidado, assim, com as experiências. Então, tipo pensar além, entendeu? [...] Eu consigo me ver usando o design sensorial para expandir as minhas ideias e conseguir fazer meus projetos serem mais completos. Eu o vejo como uma ferramenta.

A fala reforça o valor de se abrir a outros sentidos, ampliando as possibilidades de interpretação e fortalecendo a empatia no processo de design. Esses *insights* foram fundamentais para que a participante reformulasse sua abordagem metodológica, passando a compreender o design sensorial não apenas como um recurso estético, mas como um caminho para acessar repertórios afetivos e estimular trocas significativas entre gerações. Após a oficina, ela relatou estar mais atenta aos sentidos que mediavam sua relação com as mulheres mais velhas da própria família.

Apesar da potência metodológica da oficina, alguns limites merecem ser considerados. A proposta foi realizada em contexto universitário, com poucas pessoas e tempo curto para maturar as trocas. Esses contornos criaram um campo fértil de experimentação, mas restringem a possibilidade de generalização dos achados. Além disso, a interpretação das falas e metáforas esteve sujeita às perspectivas da própria mediadora, indicando a necessidade de múltiplos olhares em futuras pesquisas. Por fim, o grau de abertura subjetiva dos participantes influenciou diretamente a profundidade das trocas, ressaltando a importância de espaços de confiança para que as metodologias sensoriais possam, de fato, acontecer.

Design sensorial como diálogo intergeracional

Reconhecer o repertório: um processo de afastamento e aproximação

A metodologia da oficina, especialmente a imersão nos sentidos sem a primazia da visão (através do uso da venda), favoreceu um “estranhamento inicial” nos participantes. Essa ruptura com o habitual é crucial para que algo verdadeiramente “nos aconteça”, conforme propõe Larrosa (2002). Esse estranhamento é também abordado por Watson (2013, *apud* Beltrão, 2021), ao destacar a importância de adotar uma perspectiva distanciada sobre aquilo que estamos produzindo, possibilitando perceber o que todos percebem, mas de maneira singular. Nesse intervalo entre

o distanciamento e a entrega, forma-se um espaço fértil de troca. O afastamento não se opõe à afetação, mas pode ser seu prelúdio, um modo de convocar a atenção e preparar o terreno para que a pessoa se permita reconhecer ao tocar, modificar e imaginar a partir de outras interpretações sobre os mesmos estímulos sensoriais.

Essa compreensão contrasta com a tradição de pensamento técnico-científico que associa objetividade à neutralidade e ao não envolvimento. Donna Haraway (1988) critica essa perspectiva ao propor a noção da “visão do olho de Deus”, um ponto de vista supostamente universal e verticalizado, descolado do corpo e da experiência. Aqui, propomos outro caminho: entender que objetividade e subjetividade não são opostas, mas entrelaçadas. O distanciamento inicial não anula a afetação; ao contrário, pode ser condição para que ela aconteça com mais consciência. É no movimento de deslocar-se do próprio repertório para reconhecer o repertório do outro que se faz design relacional. Refletir sobre as experiências e perceber que elas não ocorrem apenas individualmente, mas de forma coletiva, permite a criação de repertórios comuns, um reconhecimento de que o outro também experimenta percepções semelhantes às nossas.

A inovação no processo de pesquisa em design pode ser introduzida a partir desse processo de afastamento-afetação-reconhecimento. A oficina, ao propor estímulos sensoriais que inicialmente desafiam o reconhecimento visual, simula o percurso que o pesquisador percorre ao se envolver com a investigação: um afastamento que abre possibilidades, uma afetação que desperta a curiosidade e um reconhecimento que sustenta o interesse. A seguir, o próximo tópico é apresentado a partir da perspectiva da participante, com o objetivo de evidenciar como esse método pode impactar o design tanto como prática projetual quanto como processo de investigação acadêmica.

O design sensorial como lente para o diálogo intergeracional

A intergeracionalidade refere-se à promoção de vínculos significativos entre diferentes gerações, visando enfrentar o isolamento social e os impactos do envelhecimento populacional. Tradicionalmente presentes no seio familiar, essas relações passaram a demandar mediações institucionais diante das transformações sociais e demográficas (Oliveira, 2018). Em uma sociedade cada vez mais diversa em faixas etárias, tais conexões são raras, mas altamente valiosas para o bem-estar e produtividade (Johfre, 2021).

Do ponto de vista da participante, a oficina revelou o potencial do sentir como um método eficaz para aproximar gerações, aspecto central em sua pesquisa sobre o envelhecimento feminino. A propósito, Simone de Beauvoir observa que “[...] imaginar-me velha é imaginar-me outra” (1990, p. 11) e que “[...] o velho surge como um outro”, um corpo e um tempo que ainda não habitamos, mas que já nos habita como possibilidade. Há, assim, um duplo movimento de antecipação e recusa: a velhice é, ao mesmo tempo, íntima e estrangeira, próxima e distante, nossa e alheia. Para a autora, “[...] não sabemos quem somos, se ignoramos quem seremos”. Nesse sentido, o design sensorial é um meio para o diálogo intergeracional, empregado para reconhecer quem somos hoje, nossos repertórios e afetos, e também para nos aproximar daquilo que, em algum momento, seremos. É um exercício de atenção que se estende no tempo.

Quando colocamos Beauvoir (1990) e Larrosa (2002) em diálogo, percebemos que a velhice, tal como Beauvoir a descreve, já contém em si mesma esse vetor de afastamento: pensar-se velho é sofrer a ruptura com a autoimagem presente, é admitir que o “eu” é transitório e, portanto, aberto à

experiência. A recusa de reconhecer-se na figura do idoso pode ser lida como resistência à abertura para perceber o próprio envelhecimento. A velhice seria, então, a experiência-limite que obriga o sujeito a interrogar-se sobre continuidade, identidade e alteridade. A interseção entre os dois conceitos de estranhamento reside na ideia de que a quebra da percepção habitual é essencial para se deixar afetar por esse processo. O desafio reside em transformar o estranhamento que leva à negação (Beauvoir, 1990) em um estranhamento que permite a experiência e o reconhecimento (Larrosa, 2002).

É nesse ponto que o design sensorial se afirma como método: ao provocar deslocamentos perceptivos e ativar repertórios sensoriais esquecidos ou negligenciados, ele possibilita uma forma de reconhecimento que não é linear nem homogênea, mas múltipla e aberta. A partilha de memórias sensoriais, como o cheiro de um perfume que remete ao abraço de uma avó, transcende a idade cronológica e aproxima mulheres de diferentes faixas etárias. Essas experiências, que Larrosa descreve como “aquilo que nos forma e nos transforma”, estabelecem um terreno comum onde o reconhecimento do outro se entrelaça com o reconhecimento de si. Nesse espaço, o sensorial não serve apenas para promover empatia entre gerações, mas também para aprofundar a percepção de si como sujeito que envelhece, revelando a complexidade emocional que compõe esse processo.

Ao deslocar estereótipos e estimular o diálogo, o design sensorial contribui para construir formas mais plurais de entender o envelhecer, como experiência vivida, sentida e compartilhada. Assim, torna-se possível compreender o corpo em transformação a partir dos significados que as próprias mulheres atribuem às suas mudanças ao longo do tempo. Essa perspectiva permite identificar quais sentidos, tanto fisiológicos quanto simbólicos, podem ser compartilhados entre diferentes gerações, favorecendo o diálogo.

Se o estranhamento é gatilho de consciência, o design pode operar como mediador para torná-lo habitável e fértil. Em vez de tentar explicar a velhice aos jovens (ou a juventude aos idosos) em termos puramente discursivos, podemos construir situações em que corpos diversos sentem algo do mundo do outro, a partir da troca de experiências. No contexto brasileiro, França, Silva e Barreto (2006) destacam a relevância dos programas intergeracionais como estratégias de enfrentamento ao etarismo e como formas de fortalecer a cidadania e recuperar valores éticos e morais.

A exposição *Envelhe(ser): mulheres, trajetórias e vivências* (Figura 4) dialoga diretamente com os princípios do design sensorial ao promover afeto, acolhimento e encontro em um contexto intergeracional (Amaral e Damazio, 2023). Em vez de reforçar uma abordagem centrada nos desafios biológicos do envelhecimento, a proposta valoriza a expressão artística como forma de dar visibilidade aos sentimentos e experiências de mulheres com mais de 50 anos.



Figura 4: Poster da Exposição "Envelhe(ser): mulheres, trajetórias e vivências".
Fonte: Amaral e Damazio, 2023.

O painel central da exposição exemplifica como o design sensorial pode funcionar como dispositivo de mediação (Figura 5). Ao escolherem as esferas coloridas para representar seus sentimentos sobre diferentes aspectos do envelhecer, como família, sexualidade, trabalho, estética e saúde, as participantes se engajam em um ato de coautoria.

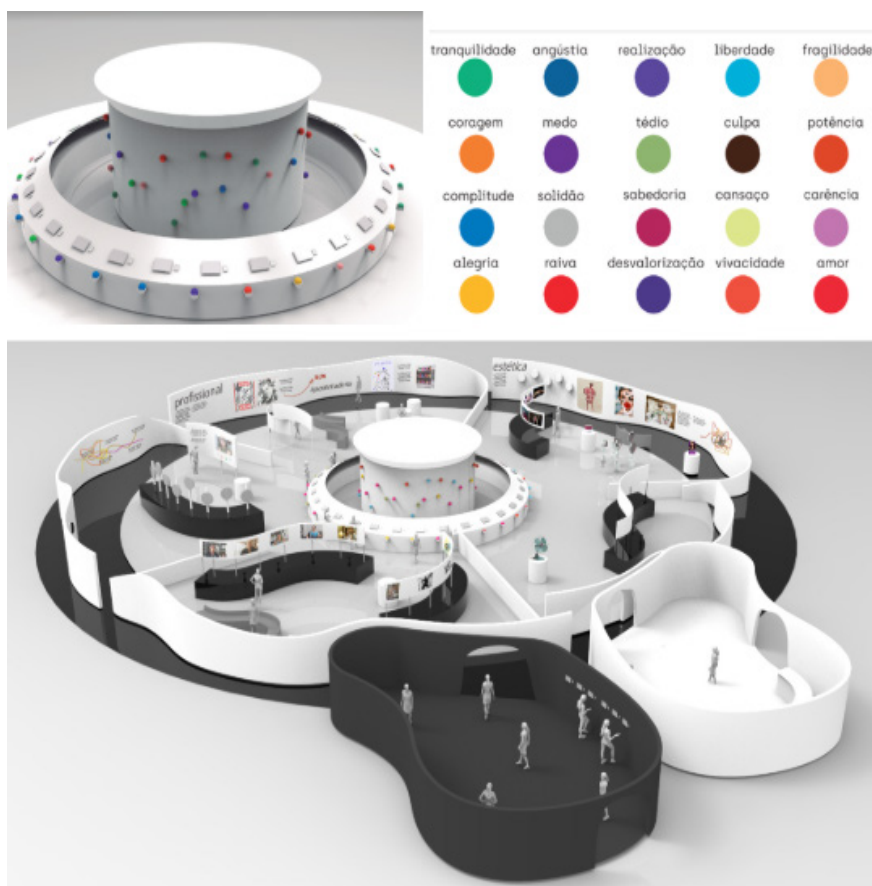


Figura 5: Painel central da exposição e esferas coloridas com seus significados.
Fonte: Amaral e Damazio, 2023.

As composições visuais resultantes tornam essas experiências tangíveis e compartilháveis, operando como metáforas sensoriais que traduzem o subjetivo em linguagem visual. Esse gesto de “sentir no próprio corpo as marcas do envelhecer” (Amaral e Damazio, 2023) ultrapassa a simples observação: transforma-se em reconhecimento de que a velhice não está fora de nós, mas nos habita como possibilidade adiante.

Além disso, a exposição revela que o design, quando atravessado pelo sensorial, deixa de ser apenas uma ferramenta técnica para se tornar um agente de provocação existencial. Ele cria condições para que mulheres jovens experimentem, ainda que por instantes, o lugar da “outra”, transformando a empatia em um movimento de troca e não de observação à distância. As narrativas cocriadas por meio da sensorialidade diluem estereótipos e abrem espaço para identidades envelhecidas mais plurais e complexas. Isso ressoa com a afirmação de Goldani (1999, p. 78): “[...] o mundo dos muitos idosos é um mundo das mulheres”, e esse mundo precisa ser escutado, sentido e ressignificado.

O estranhamento inicial provocado pela venda nos olhos na oficina sensorial encontra eco no deslocamento de percepção que a exposição busca ativar. Em ambos os casos, rompe-se com o olhar automático para possibilitar a experiência. A velhice, antes percebida como algo distante, passa a ser sentida, reconhecida e situada. A exposição convida o público a mergulhar nas vivências de mulheres que envelhecem, aproximando o olhar e o corpo dessa realidade. Mais do que sensibilizar quem ainda não enfrentou seu próprio envelhecimento, a proposta também cria um espaço de reconhecimento entre as próprias mulheres que envelhecem. Isso permite que elas se vejam representadas, se reconheçam umas nas outras e validem suas experiências a partir dessa identificação compartilhada.

Ao provocar um estranhamento inicial e, depois, um reconhecimento, o design cria possibilidades de negociação entre gerações. As conversas surgem a partir da descoberta de experiências compartilhadas, tanto sensorial quanto simbolicamente. Assim, a prática do design passa a cultivar uma cultura do envelhecer reconhecido, em que futuros e passados se conectam por meio dos sentidos, ressignificando o “ser outro”, o “ser velho” e o “ser nós”.

Considerações finais

Este artigo argumenta por um deslocamento fundamental na prática do design, que se move de uma abordagem centrada na visualidade para uma que se ancora na mediação de experiências e na reconexão entre subjetividades. A investigação demonstrou que o design sensorial, mobilizado como método qualitativo, opera como um catalisador para esse movimento. A experiência da oficina universitária revelou seu potencial para criar pontes afetivas, onde memórias intergeracionais foram articuladas para refletir e transformar uma percepção comum do envelhecimento: de uma fatalidade biológica para uma experiência subjetiva e compartilhada.

O “estranhamento” sensorial, inspirado em Larrosa (2002), provou ser mais que um exercício perceptivo; tornou-se uma condição para o reconhecimento. Ao interromper o automatismo do olhar, a metodologia permitiu que a velhice, o “outro” de Beauvoir (1990), fosse sentida como uma possibilidade íntima, e não como uma alteridade distante. Essa aproximação, mediada pelos sentidos, é a essência do design relacional que este estudo defende: um design que não projeta para o outro, mas que constrói as condições para o encontro com o outro.

Os desdobramentos dessa perspectiva se manifestam nos diversos campos onde o design atua de forma interdisciplinar. Na saúde, inspira a criação de ambientes terapêuticos que acolhem o corpo em suas múltiplas fases, enquanto na educação, fundamenta pedagogias que valorizam o “saber de experiência” proposto por Larrosa (2002). No planejamento urbano, estimula o desenvolvimento de espaços públicos que, ao invés de segregar, promovam o encontro intergeracional por meio de estímulos multissensoriais. O exemplo da exposição *Envelhe(ser)* concretiza esse potencial, demonstrando como a coautoria sensorial pode dissolver estereótipos e construir um terreno comum onde juventude e velhice dialogam como partes de um mesmo fluxo.

É fundamental reconhecer que os *insights* aqui apresentados derivam de um recorte específico: uma oficina breve em contexto universitário. Contudo, essa especificidade não representa uma limitação, mas um ponto de partida que evidencia a necessidade de expandir tais práticas para públicos e contextos diversos, para além do ambiente universitário. Futuras pesquisas devem, portanto, se dedicar a criar e sustentar esses espaços de troca, desenvolvendo metodologias que validem a subjetividade como dado rigoroso e que formem designers mais atentos à escuta e à presença.

Reafirmamos, portanto, o design sensorial como uma abordagem comprometida com a complexidade da vida. Convidamos pesquisadores e profissionais para assumirem o design sensorial como um fundamento relacional e ético no ato de projetar, redefinindo o papel do designer: de um formulador de soluções para um mediador de relações e subjetividades. Projetar, nessa perspectiva, torna-se a arte de cultivar contextos de convivência onde o “ser outro” se traduz em reconhecimento mútuo, e o “ser nós” se desenha como horizonte comum a ser continuamente projetado.

Referências

- AMARAL, Julia Duarte; DAMAZIO, Vera Maria. Envelhe(ser): o design emocional e social como meio para refletir o envelhecimento feminino. *In: Anais do 10º MXRio Design Conference 2023*, São Paulo: Blucher, 2023. p. 331-339. ISSN 2318-6968. DOI: 10.5151/mxriodc2023-024.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Porto Alegre: Autografia, 1990.
- BELTRÃO, André Luis Ferreira. **Práticas pedagógicas no ensino de Design**: experimentando abordagens significativas. 2021. 151f. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- DAMÁSIO, António Rosa. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da; BARRETO, Márcia Simão Linhares. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-532, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- GIBSON, Jerome James. **The senses considered as perceptual systems**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1966.
- GOLDANI, Ana Maria. Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros. *In: CAMARANO, A. A. (Org.). Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 1999.
- HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, Nova Iorque, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3178066>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- HAVERKAMP, Michael. **Synesthetic design**: a handbook for a multi-sensory approach. Switzerland: Birkhäuser, 2013.
- HAVERKAMP, Michael. Synesthetic *versus* Multi-Sensory Design - Differences and Benefits. *In: SIDOROFF-DORSO, A. V. (Org.). Synaesthesia: cross-sensory aspects of cognitive activity in science and art: Proceedings of the 2nd IASAS-Symposium*. Moscou: [s.n.], 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343878808>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- JOHFRE, Sasha. **Report on intergenerational relationships**. Stanford: Stanford Center on Longevity, 2021. Disponível em: <https://longevity.stanford.edu/the-new-map-of-life-report/>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- LARROSA, José Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- LUDDEN, Geke; KUDROWITZ, Barry; SCHIFFERSTEIN, Hendrik; HEKKERT, Paul. Surprise and humor in product design: designing sensory metaphors in multiple modalities. **Humor - International Journal of Humor Research**, Berlin, v. 25, n. 3, p. 285-309, 2012. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/humor-2012-0015/html>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- LUPTON, Ellen. **The senses**: design beyond vision. Nova Iorque: Cooper Hewitt, Smithsonian Design Museum, 2018. Disponível em: <https://ellenlupton.com/The-Senses-Design-Beyond-Vision>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- NEVES, Renata de Assunção; DAMAZIO, Vera Maria. Projetando para emoções e relações: um novo paradigma no design contemporâneo. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 123-142, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/78580>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- NORMAN, Donald. **Emotional design**: Why we love (or hate) everyday things. Londres: Basic Books, 2007.
- OLIVEIRA, Sara Maria Ribeiro. **A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social**. 2028. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 2018. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56031/1/>

tese%20final%20sara %20oliveira.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

RICCÒ, Dina. **Sinestesia per il design: le interazioni sensoriali nell'epoca dei multimedia**. Milão: Etas, 1999.

RICCÒ, Dina; BELLUSCIO, Antonio; GUERINI, Silvia. Design for the Synesthesia: audio, visual and haptic correspondences experimentation. *In: Anais do Senses and Sensibility in Technology – Linking Tradition to Innovation through Design*, 1ST INTERNATIONAL MEETING OF SCIENCE AND TECHNOLOGY OF DESIGN, Lisboa, 2003.

SCHIFFERSTEIN, Hendrik; DESMET, Pieter. Tools facilitating multi-sensory product design. **The Design Journal**, Londres, v. 11, n. 2, p. 137-158, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.2752/175630608X329226>. Acesso em: 10 abr. 2023.

VAN ROMPAY, Thomas; LUDDEN, Geke. Types of Embodiment in Design: The Embodied Foundations of Meaning and Affect in Product Design. **International Journal of Design**, Taipei, v. 17, n. 4, p. 556-574, 2015. Disponível em: [https://www.ijdesign.org/index.php /IJDesign/article/view/1670/673](https://www.ijdesign.org/index.php/IJDesign/article/view/1670/673). Acesso em: 22 abr. 2025.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Eleanor; ROSCH, Evan. **The embodied mind: Cognitive science and human experience**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

WATSON, Charles. Para se sentir vivo. *In: NACCACHE, Andréa (org.). Criatividade brasileira: Alex Atala, Fernando e Humberto Campana, Jum Nakao: Gastronomia, design, moda*. São Paulo: Manole, 2013.

WILSON, Margaret. Six views of embodied cognition. **Psychonomic Bulletin and Review**, v. 9, n. 4, p. 625–636, 2002.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Sobre as autoras

Rafaela dos Santos Borges é doutoranda em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestra em Design e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduada em Desenho Industrial pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora de Design Gráfico e pesquisadora em design sensorial, investigando o equilíbrio entre subjetividade e racionalidade técnica no ensino de projeto. Sua produção acadêmica articula percepção corporal, semiótica peirceana e processos pedagógicos no design.

E-mail: borges.raff@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4390408141713731>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6526-8230>

Julia Duarte Silveira Amaral é graduada em Desenho Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Desenvolveu o projeto “Envelhe(ser): mulheres, trajetórias e vivências”, com foco nas relações entre design, envelhecimento e gênero. Possui experiência profissional em projetos de mobiliário, identidade visual e cenografia, tendo atuado no Studio Zanini e na Rede Globo. Atua nas áreas de Design Social, Emocional e Feminista, pesquisando a interseção entre design, envelhecimento feminino e intergeracionalidade.

E-mail: juliadsamaral@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8097515291073142>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0333-1733>

Luiza Novaes é doutora em Design pela PUC-Rio e Mestra em Photography and Related Media pela School of Visual Arts (NY). É professora do Quadro Principal do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, atuando na graduação e na pós-graduação. Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio. Lidera os grupos de pesquisa “Experiências e Ambientes Interativos” e “Interfaces Físicas Experimentais”, com ênfase em multimodalidade, multissensorialidade e processos colaborativos.

E-mail: lnovaes@puc-rio.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5335191858617545>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0444-260X>

Vera Maria Marsicano Damazio é doutora em Ciências Sociais e Mestra em Design Gráfico. É professora do Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) desde 1986. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa Aplicada Design Memória e Emoção (LABMEMO), onde desenvolve investigações interdisciplinares voltadas para desafios sociais complexos por meio de métodos etnográficos e participativos. Sua atuação foca na interseção entre design, memória e emoção.

E-mail: vdamazio@puc-rio.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0479162431018606>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8009-2117>